

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

HOMENAGEM A LUIZ DE CAMÕES

NO SEU TRICENTENARIO

4.º ANNO

PORTO, 10 DE JUNHO DE 1880

N.º 6

O *Bombeiro Portuguez*, desejando associar-se á manifestação que a imprensa jornalística tributa ao cantor das nossas glorias, antecipa a sua publicação, e offerece aos seus leitores este numero,—como preito de veneração ao grande portuguez, cujo tricentenario a patria solemnisa.

COLLABORADORES:

Alfredo Carvalhaes, Antonio M. de Sousa, Augusto Coelho, Eduardo Augusto Falcão, Ernesto Pires, Fialho d'Almeida, Firmino Pereira, Francisco de Menezes, Gomes Leal, Guilherme Gomes Fernandes, Jayme de Seguiet, Jayme Victor, João de Deus, Joaquim d'Araujo, J. R. da Cruz, Julio Gama, Manoel Maria Rodrigues, Marianno Pina, Pedro Gastão Mesnier, Ramalho Ortigão, Sousa Moreira, Teixeira Bastos e Theophilo Braga.

CATHERINA DE ATHAYDE

Na côrte da rainha D. Catherina, mulher de D. João III, existiam varias damas com este nome; d'aqui uma certa difficuldade em determinar qual d'ellas foi amada e cantada por Camões. Quiz alguém considerar a filha de D. Alvaro de Sousa, casada com Ruy Borges Pereira de Miranda, como a que inspirou os amores do poeta; o unico argumento plausivel seria o conflicto com Gonçalo Borges, creado dos arreios de D. João III, pelo facto de ser irmão bastardo de Ruy Borges. Contra tal inferencia apparecem as datas historicas. D. Catherina de Athayde, filha de D. Alvaro de Sousa, morreu em 28 de setembro de 1551, antes de Camões ter partido para a Asia; ao passo que D. Catherina de Athayde, filha de D. Antonio de Lima, morreu em 1556, e a noticia da sua morte só chegou á India pouco antes de ter Camões regressado de Macau. Foi esta a namorada de Camões, porque no soneto CLXXII, que trazia nos manuscriptos a rubri-

ca das suas perdições, se reune sob o mesmo golpe o naufragio na foz de Mécon, e a morte da *cordeira gentil que tanto amava*:

Liso, quando quizer o fado escuro,
A opprimir-te virão em um só dia,
Dous lobos; logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som suave e puro.
Bem foi assim; porque um me degolou
Quanto gado vacum pastava e tinha,
De que grandes soldadas esperava.

E, por mais damno, o outro me *matou*,
A *cordeira gentil, que eu tanto amava*,
Perpetua saudade da alma minha.

As relações de Pero de Andrade Caminha com D. Antonio de Lima, fortificam ainda estas interpretações, que se completam pelo epitaphio d'este mediocre poeta á morte de D. Catherina de Athayde em 1556, e pelos seus miseraveis epigrammas contra Camões.

Theophilo Braga.

OS LUSIADAS

O poema de Camões é a consciencia da nacionalidade portugueza. A grande significação revolucionaria dos *Lusiadas* está bem synthetisada n'esta phrase do *Times* de 14 de maio: «A independencia portugueza deve attribuir-se ao entusiasmo despertado pelos cantos de Camões, mais do que á intelligencia da dynastia.»

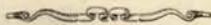
Effectivamente foram os *Lusiadas* que trouxeram a restauração de Portugal em 1640. Quando D. João IV, ainda hesitava nas vespervas da revolução, quando elle, depois de proclamado rei, ainda procurava entregar o reino a Castella para se ver livre do peso de uma corôa, que necessitava defeza, quando por outro lado vemos o octagenario bispo de Taya, Frei Thomé de Faria, traduzir

para latim a grandiosa epopêa, quando vemos João Pinto Ribeiro, o auctor da famosa revolução de 1640, ler e commentar os *Lusiadas*, então comprehendemos a profunda verdade contida n'aquellas palavras do *Times*. Se Portugal conserva a sua independencia, deve-o ao heroico canto e não ao duque de Bragança que deixou a custo os ocios de Villa Viçosa pela vida ostentosa de rei, de governador de um povo que despertava, e partia as algemas. E de então para cá o que se deve aos seus successores? Quando muito os productos bestiaes e inuteis de um fanatismo idiota, como o carrilhão de Mafra, o patriarchado, o convento da Estrella, isto é, a decadencia do paiz, o estado miseravel e baixo a que desceu no seculo XVIII, quando não eram comprehendidos os *Lusiadas*. E a este poema o que se deve? Tudo, em primeiro logar as liberdades que disfructamos, em segundo logar a revivencia nacional porque estamos passando.

Quando D. Miguel nos perseguia e atormentava, e D. Pedro accitava a custo o encargo de conquistar uma corôa na Europa, eram os *Lusiadas* que alimentavam no estrangeiro, no peito desfallecido dos emigrados, o fogo santo do sentimento nacional, o desejo insaciavel da liberdade. Eram os *Lusiadas*, que levantavam Bomtempo, Sequeira e Garrett.

Este poema é a nota vibrante do sentimento da nacionalidade portugueza; será elle ainda o que hade levantar o espirito publico para o emancipar de todas as tutelas.

Teixeira Bastos.



A CAMÕES

Não dorme a consciencia em mortuario leito
Embora os olhos feche ás brancas alvoradas;
Suffoca a opinião dentro do largo peito,
Como o assassino esconde as mãos ensanguentadas.

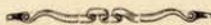
Deixa que o tempo estenda o veu — esquecimento
Por sobre as tradições, que nunca se consomem,
Mas vae seguindo sempre o grande movimento
Que se opera na vida energica do homem.

Depois, ólha o passado, arranca do sepulchro
O que a terra não roe — as almas dos heroes! —
E espalha-as pelo ceu, immaculado e pulchro,
Num chuveiro nervoso, athletico de soes!

É pois a consciencia, — a eterna vingadora
De tudo que passou, das sanctas tradições, —
Quem ha muito escreveu com letras côr d'aurora,
No livro dos heroes o nome de Camões.

Porto.

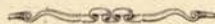
Ernesto Pires.



A EPOPEA DE CAMÕES

O nivel da energia e da dignidade portugueza pôde determinar-se, como n'um thermometro, pelo grau em que se desenvolve ou se deprime o apreço publico á obra de Camões. Desde o ultimo quartirão do seculo XVI até o fim do seculo XVII tiram-se successivamente vinte e tres edições dos *Lusiadas*; no seculo XIX fazem-se cincoenta e duas edições; no seculo XVIII fazem-se apenas dez! A approximação d'estes numeros, é eloquente. Não se liam os *Lusiadas* no seculo da intolerancia e do despotismo, no seculo em que D. Pedro II, celebrando o tratado de Methwen, fazia de Portugal uma feitoria ingleza, em que D. João V transformava o reino inteiro em uma torpe sachristia por cima da qual badalava o carrilhão de Mafra, em que D. José definia o dogma da soberania absoluta e omnisciente do rei, e D. Maria I, beata até á imbecilidade, convertia em instituições nacionaes o hystherismo devoto e a gulodice fradesca.

Ramalho Ortigão.



OS LUSIADAS

Os Lusiadas estão como na hora.
Trez seculos, e — nada...
Nem uma letra unica apagada!

Porque a gente decóra
E nem os vermes comem,
Não traçam, não consomem
Uma obra inspirada,
Suma-se o vulto que a compoz, embora!

Os dons da Divindade
A Belleza, a Verdade,
—Glorias de Deus, assim como do homem,
Raíam e ficam em perenne aurora!

Lisboa — 1880.

João de Deus.



A CHINA E CAMÕES

Ha no extremo Oriente uma nação que é talvez aquella em que mais homogênea e numerosa se concentra uma das raças humanas. Essa nação,

que vêmos atravez o prisma da caricatura, deu-nos grandes lições que inconscientemente recebemos, despresando o mestre. «Não faças a outrem o que não queres que te façam:» — este sublime preceito de moral na sua fórmula mais concisa e energica lê-se no Lunyo, escripto alguns seculos antes da origem do christianismo. Nos paineis que habitualmente adornam as casas do paiz a que nos referimos lêmos as maximas seguintes: «E' preferivel a pobreza do homem de bem á abundancia do mau. Não deixes de praticar uma virtude qualquer por te parecer ella insignificante, nem pratiques vicio algum por insignificante que te pareça.»

Os ministros da fazenda europeus fariam bem de meditar a maxima seguinte: «Antes de comprar calcula o que podes vender.»

Assim fallou a China. Essa metade do mundo que a nossa metade não conhecia, ainda estava encoberta nas brumas do seu mysterio, quando ás suas portas bateu o genio precursor da fraternidade. Camões symbolisa a união do extremo Occidente e do extremo Oriente, a terminação do feudo secular das raças, a aurora da grande paz definitiva.

Pedro Gastão Mesnier.

ADEUS

Não me tornes a olhar! Os teus olhos, Maria,
Jorraram sobre mim torrentes d'agonia!
Senti-me vacillar, quasi morto de luz!
Ahl não queiras tornar mais agro o meu calvario!
Deixa que eu leve occulto, ignoto e solitario
Ao Golgotha fatal a minha enorme cruz.

Escuta! Affeito estou á sombra esquecimento!
Fez-se em torno de mim a calma do moimentol
Vejo tudo sombrio, esteril, ermo e nul!
Se ao menos o destino, o acaso, a providencia,
A' mingoa de riqueza, á mingoa d'opulencia,
Me houvesse feito, flor, tão nobre como tu...

Mas apenas me coube em partilha, Henriqueta,
Em vez d'um d'esses bens, um'alma de poeta,
—Cousa que o mundo julga uma infamia, um labeul
Sim, nada mais possuo, e no entanto eu queria
Ter o que os outros têm:—riqueza, fidalguia,
E em cima de tudo isto o teu amor—um ceul

Passo como um proscripto, um reprobol, um bohemiol
Quem me ha de dar na terra o meu perdido gremio,
—A santa Chanaan dos santos ideaes!
Homem da estrella má, maldicto, reprovado,
Quer no ceu, quer no inferno, absolto ou condemnado,
Deus não nos póde unir! Que horoscopos fataes!

Deus, esta cousa atroz, esta palavra horrivel,
Chata como um burguez, negra como o Impossivel,
Sempre esta sombra ignara, esta palavra—Deus!—
Mas Deus é poderoso, omnipotente e forte,
Inaccessivel rei, senhor da vida e morte...
Não me tornes a olhar, Maria; adeus, adeus!

Alfredo Carvalhaes.

Fomos grandes, poderosos, temidos e respeitadlos.

Mas as conquistas, os triumphos ruidosos, os grandes reços de valor e de heroicidade de nossos maiores, seriam olvidados pelas civilisações vindouras, se um facho esplendoroso os não inundasse de luz.

Das nossas glorias passadas não sei, pois, que mais a lmare: se os heroes que as alcançaram, se o genio peregrino que as perpetuou n'esse padrão indestructivel: *Os Lusíadas.*

Porto—8—6—1880.

Julio Gama.

A CAMÕES

(EXCERTO D'UM POEMETO INÉDITO)

.....Misterio ignoto e austero!
Teu destino é marchar, ó Genio! ó Ashavero!
Marchar, sempre marchar, os pés sobre os espinhos,
Tingindo em sangue rubro as urzes dos caminhos,
Marchar, marchar, sem guia, e sem norte, e sem rumo,
Sem descobrir ao longe uma espiral de fumo,
Sem um olhar d'amôr, a vibração d'um canto,
A per'la dum sorriso, uma gota de pranto,
Marchar, sempre marchar, a alma em lucto e viuva,
Ao vento, á neve, ao frio, á fome, á sede, á chuva!

Jaime de Seguíer.

CAMÕES

Na presente epocha o nome d'este homem que representa o grande genio da Renascença portugueza, é para a nossa vida social abatida por grande numero de vilanias politicas, como que um forte reagente que opera os mais prodigiosos resultados.

Camões, é o motor fortissimo de um notavel espirito civilizador que surge d'um grande lethargo de ignorancia; é o nome que ha de no futuro marcar o ponto luminoso d'onde se deve destacar na historia a nossa vida moral, de hoje, e o nome que ha de representar a illustração nas escolas, nas artes, nas industrias, no commercio, na agricultura, em toda a manifestação emfim da actividade portugueza do anno de 1880 em diante.

Camões, é não só a personificação litteraria do século XVI como tambem a renascença no século XIX da nossa vida nacional—que é e será a nossa maior honra, a nossa mais elevada dignidade.

Mariano Pina.

O CENTENARIO

Portugal entrou na fileira dos povos civilizados. Até aqui, quando se levantava e fazia troar a sua artilheria e reluzir ao sol a espada dos seus soldados, era para aclamar o passado nas suas manifestações mais atrazadas e mais conservadoras.

Hoje agita-o uma causa mais elevada, porque se em breve vae erguer-se aquelle clamor ruidoso que entra na magestosa symphonia das aclamações publicas, é para celebrar o nome de Camões que abrange o passado e o futuro—a nossa historia que foi grande, e o rejuvenescer da nossa existencia que póde ser fecunda e brilhante.

Lisboa, 3 de junho.

Jayme Victor.

UM VERSO DE CAMÕES

Junto ao berço, de vida palpitante
Ha pouco ainda, e inanimado agora,
Pobre Mãe! pobre martir! ella chora
O dezerto do ninho murmurante.

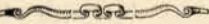
A sua ingenua e immaculada aurora
Durou, como a das rosas,—um instante,
E, sorrindo, evolou-se, bem distante
Aos paizes da Luz consoladôra.

Os raios virginaes da lua nova
Cingem-lhe a humilde e pequenina cova
Da sua doce aureola mais triste,

Emquanto a Mãe, as lagrimas chorando
D'uma dôr infinita, vai scismando:
—*Alma minha gentil, que te partiste...*

Lisboa, maio, 1880.

Joaquim de Araujo.



DEZ DE JUNHO

A' celebração do tricentenário, deve Portugal um dos seus movimentos mais sympathicos e mais unanimes. Pela primeira vez a imprensa, evocada da somnolencia da chicana politica, falla n'uma só voz potente, chamando o paiz sob pretexto de pittorescas festas, a um protesto vehemente, a uma cimentação geral de novos ideaes politicos e de futuras renascenças vitaes e litterarias.

A raça nova cabe a iniciativa de tão elevada concepção, raça de gigantes, de propagandistas e de demolidores.

Fialho d'Almeida.

A CAMÕES

Camões que morria aos poucos,
Por seu muito padecer,
Esperou da patria a morte,
Para acabar de morrer.

Francisco Moniz Barreto.

Choro de dôr traspassado
Cedendo a triste agonia,
Quando vejo á sorte impia
O talento destinado!
Se olhos ponho no passado
Meus pensamentos são loucos,
Pois julgo escutar os roucos
Gemidos que á dôr immolla,
Camões, que pedia esmolla,
Camões, que morria aos poucos.

Julgando ser pouco ainda
P'ra bem merecer da historia,
Elevar a patria á gloria,
Dar aos seus nobreza infinda:
Soffrendo por dama linda
Tristuras no seu viver...
Julgou pouco tal soffrer
Viu que a dôr, maior se expande...
E elle quiz tornar-se grande
Por seu muito padecer!

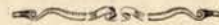
Soffreu! soffreu e callou!
E do peito as negras maguas,
Nem lh'as lavaram as aguas,
Que dos seus olhos chorou!!
Quem mais tormentos passou?
Quem teve mais cruel sorte?...
Seguindo da dôr o norte,
Pequeno se viu na dôr;
E p'ra tornar-se maior,
Esperou da patria a morte!

Eil-o contristado um dia
Esmolla pedindo aos seus...
(Já quando a patria, a Deus
Esmolla tambem pedia!)
Viu o Jau quanto soffria,
E cansado de viver
Diz-lhe:

—Findou meu soffrer!

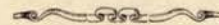
Vem, abraça-te commigo:
Faltava-me vêr-te, amigo,
Para acabar de morrer!

Antonio Moutinho de Souza.



Se a sciencia moderna nega a immortalidade da alma, eu, com a minha geração, levanto mais alto o vulto do que ha de immortal na pobre humanidade.

Eduardo Augusto Falcão.



CAMÕES

(D'UM POEMA, PRESTES A APARECER)

.....
 Este vulto, portanto, que caminha
 Altas horas, ao frio das nortadas,
 É Camões que de fome se definha
 Nas ruas de Lisboa, abandonadas.
 É Camões a que a sorte vil, mesquinha,
 Faz em noites de fome torturadas,
 Elle! o velho cantor d'heroes guerreiros
 Vagar errante, como os cães rafeiros!

Morreu-lhe o escravo, o seu fiel amigo,
 O seu amparo e seu bordão no mundo,
 Morreu-lhe o humilde companheiro antigo
 No seu peito deixando um vacuo fundo

Mas não estende o valoroso braço,
 Que outr'ora trabalhou entre os guerreiros,
 A mão recusa-se a suster o passo
 Dos transeuntes raros, sobranceiros...

Gomes Leal.

O QUE SÃO OS LUSIADAS?

Entraste, por ventura, leitor, n'essas velhas cathedraes da idade media, severas, graves, cobertas pelo musgo do tempo, como que evocando o sentimento d'um passado longiuo nos echos da tua voz, quando reboa nas suas fundas arcadas? São o livro de pedra onde estão escriptos os sentimentos, as crenças, d'uma civilisação que dorme silenciosa no cemiterio dos seculos.

Pois bem, entre a vetusta cathedral gothica e uma grande epopea, synthese da vida d'um povo, ha similhanças e differenças: ambas evocam e perpetuam uma civilisação; mas as folhas do livro de pedra serão um dia dispersas pela mão implacavel do tempo, e as folhas d'esse grande poema ir-se-hão gravando no espirito das gerações, tornando-se redivivas, duradouras, vivazes.

E' assim o grande poema que faz a honra e gloria de Portugal.

Ahi tens, leitor, um monumento que passará sobre as gerações, emquanto as columnas e os muros das velhas cathedraes se desprendem, e desaparecem no pó do sepulchro.

Sabes, leitor, o que são os *Lusiadas*, deante dos quaes te curvas?

São a immortalidade da patria!

Porto.

Augusto Coelho.

A CAMÕES

Teu grande coração amado e amante,
 Mais duro do que um bronze florentino,
 Como a haste de um lyrio tenro e fino
 De saudades tombou, morreu distante!

Sereno como as nuvens do levante
 Crusavas pelo céu do teu destino;
 Mas um anjo de rosto peregrino
 Sustem-te um dia o passo triumphante!

Porque pouco durou tua ventura,
 Foste por longas terras, longos mares,
 Buscando em toda a parte a sepultura!

Na patria morre, de intimos pesares,
 A doce Catherina, a imagem pura,
 E concepção ideal de teus cantares!

Francisco de Menezes.

Camões cantou em arroubamentos de lyrismo pathetico a sua amada, e em raptos gigantes de inspiração viril a sua patria querida:—amava a familia e a patria; mas o destino não quiz que o seu genio que tinha por ambito o infinito, se limitasse ao pequeno mundo da familia: como o Nazareno morreu celibatario.

O destino em compensação deu-lhe por companhia na descida ao tumulo a gloria da patria que se sepultou com elle.

Lia Bernadim Ribeiro, o pae da poesia bucolica e Ennio, cultor da epopéa latina; tinha coração de trovador e pulso de guerreiro.

Sousa Moreira.

A CAMÕES

N'esta solemnisima affirmação de brios bem entendidos, Portugal revindica os titulos seus gloriosos, dispersos, não poucas vezes, pelas luctas de principios que a espaços o agitam.

Levanta-se inteiro, e compacto, este povo que na historia figura em logar de primazia, saudando o vulto mais notavel da sua historia honrosa.

Os principios que se oppõem, no grande ardor dos combates da penna e da palavra, deram-se tre-goas agora—sauda-se Camões, afirmando-se o nosso respeito pelas glorias do passado, e, confirmando o nosso desejo do engrandecimento futuro.

Sobre os *Lusiadas*, o Evangelho sagrado da patria, juremos ser sempre Portuguezes.

Juremos.

J. R. da Cruz.

JAU

E com a longa vida.
Seja sua memoria ennobrecida.

CAMÕES.

Uma recordação para ti também, pobre Antonio.

Tu, o amigo leal e dedicado do poeta dos *Lusíadas*, tu que na hora acerba das desventuras, dulcificaste com o nectar da tua alma boa, o fel que tressoava d'aquelle coração descrito, tu também mereces que a prosteridade bemdiga e abençoe o teu nome obscuro.

Quantas vezes verias tu, pobre servo, rebrilhar na fronte entristecida do que te foi amo querido, as alegrias de uma hora de inspiração feliz, e quantas outras, na crueza atroz de desenganos desesperados, presencearias entenebrecer-se o seu olhar melancólico, com as nuvens congeladas de angustiosas amarguras!

Quantas vezes a consolação da tua palavra rude, suavizaria as mágoas d'aquelle espirito cruciado por tantas adversidades, e quantas o pão esmolado pela agonia de uma reciproca penuria, alimentaria o corpo extenuado do que merecia refazer-se em festins de principes!

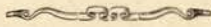
E foste-lhe sempre o companheiro fiel, o amigo extremo, o confidente sincero, o servo dedicado.

Com elle compartilhaste as expansões de regosijos momentaneos, como com elle sorveste pela mesma taça a cicuta de amarguradas provações!

Merecias, pobre Jau, pela pureza da afeição que te prendeu ao sublimado cantor das nossas glorias, que as tuas ossadas denegridas repousassem junto das d'elle, e que em um canto da lapide em que estivesse gravado em caracteres de diamantes o nome de CAMÕES, se inscrevesse em letras de ferro o teu, para attestar eternamente que foste, na vida mortificada do famoso vate, a encarnação de todas as virtudes que ennobrecem a lealdade de um affecto firme.

Para ti, pois, dedicado coração, uma saudade, emquanto que para a tua memoria, divino Camões, a justa idolatria da minha immensa veneração.

Manoel Maria Rodrigues.



CAMÕES-DANTE

Existe, dizem, uma grande homogeneidade entre estes dois poetas sublimes. Distanciados pelo longo intervalo de 261 annos, aproximam-se—e quasi se abraçam—pela generosa aspiração que fez d'elles uns martyres.

Dante—amou com aquelle amor religioso e mystico da idade-media, a Beatriz formosa, e foi ella,

a casta virgem dos seus sonhos de poeta, a inspiradora da *Vita Nuova*.

Camões—idolatrôu a sua Catherina, essa gentil e apaixonada creança que de magoa se finou, talvez por não ver perto de si o amante idolatrado.

Combateu o Dante com a energia viva e ardente de quem tempera o braço para as pugnas salvadoras; luctou sempre, como lucta o soldado valente para glorificar-se e vencer... e deram-lhe por paga a proscricção.

Camões, que cantara, entusiasta, a sua patria bem amada, que a ella se devotou inteiro, que a tornou respeitada aos olhos dos contemporaneos e que a assignalou na historia de modo a representar sempre vivo e grande este povo portuguez, ...soffre desconsiderações e affrontas, e morre em *pura pobreza*, como tristemente refere Diogo do Couto.

O espaço de 261 annos encurta-se pela aproximação d'estes episodios: mas como elle se afasta quando attentamos nas grandiosas epopeias que nos legaram?

Gloria-se a Italia de possuir, como seu, o auctor da *Divina Comedia*; tem razão n'essa ufania, como a Allemanha, a Inglaterra, a França e a Hespanha a tem para venerar Hegel, Schiller, Schakespeare, Voltaire e Cervantes. Mas, em face da historia, e em presença da critica, sobre esses vultos illuminados pela luz do genio, alevanta-se, imponente e magestosa, grande como a patria que cantou, e sublime como a manifestação gloriosissima do seu estro divino, a estatua de Luiz de Camões, o poeta incomparavel, que escreveu o genesis da patria no seu poema immortal.

Ou foram philosophos, uns, ou passearam outros o seu talento nas vastas regiões da phantasia. Camões, não. Camões affirmou, como ninguem, a nossa nacionalidade; compenetrôu-se d'essa vigorosa consciencia que tem uma raça no momento em que realiso a sua unidade. (1) E' o unico que se destaca na historia dos tempos, luctador e poeta, defendendo a sua patria com a espada, glorificando-a com a penna, ao lado d'ella nas horas do combate, e por ella luctando sempre, ainda que a amargura da vida lhe pozesse desalento nos labios.

«A essencia epica da *Divina Comedia*, diz um sabio illustre, epilogo também do mysticismo da idade-media, vem da porfiada lucta politico-religiosa que, durante dois seculos, tritura e abraza a Europa central, preparando-a para outros destinos.

O *Romancero* de Cid, deve ser considerado a verdadeira epopeia da Hespanha. Na *Henriada*, de balde se buscaria a epopeia franceza, que vive ainda em estado embryonario nos cantares do cyclo carlovingiano. N'uma e n'outras, ás ultteriores tentativas da arte pura faltava o assumpto, a «natureza epica» dos tempos fecundos e iniciantes que palpitam nos ingenuos poemas originarios.

E os *Lusíadas*?... E faltará a «natureza epica» a esse livro divino, que é o documento mais completo e mais garantido da nossa individualidade?...

Não vem da lucta politico-religiosa o poema de Camões. Vem da patria, e n'ella se inspirou; é a alvorada radiantissima da nossa existencia histori-

(1) Theophilo Braga—Historia de Camões—part. 1.^a

ca, é o padrão immorredouro do nosso prestigio e da nossa fama.

«Extinga-se para sempre a nossa vida historica, acabem os vestigios que tornaram Portugal solidario na obra da civilisação moderna, e bastarão as obras de Camões para representarem sempre vivo este povo, que succumbe pela fatalidade da sua ethnologia.» (1)

A catastrophe de Africa fez pedaços o sceptro que nos governava, e a nação, na hora ultima do seu patriotismo, deixou-se manietar, como uma escrava humilde.

Nem havia rei, nem fidalgos, nem povo, e a patria entregou-se cegamente ao primeiro que a cubiou. Então, nesses momentos de afflicção e angustias, Camões agarrou os seus *Lusiadas*, apertou-os febrilmente ao coração, e talvez os fizesse pedaços, se não previsse que elles seriam o grito da libertação do povo, o evangelho da patria, como disse um poeta illustre.

«Emfim, acabarei a vida, e verão todos que fui tam affeioado á minha patria, que não só me contentei de morrer nella, mas com ella... dizia o poeta. E morreu. Quando o estrangeiro tomou posse d'este reino, o vate morria com a patria!

Não morreu assim o Dante, nem os outros vultos grandiosos de que a historia falla. Eis a differença.

Tres seculos se escoaram sobre o tumulo do soldado valente, do navegador insigne, do poeta sublime. O esquecimento ingrato d'esses tres seculos vingamol-o nós agora. A geração d'hoje alevantase, nobre e digna, na magestade d'estes preitos á memoria do seu concidadio.

Grande gloria nos pertence, e d'ella temos orgulho. Orgulho que em vez de a mesquinhar, enobrece.

Hugo, o poeta colossal dos tempos presentes, dizia de Voltaire que elle morrera immortal.

Aproveitando, para nós, esse singularissimo paradoxo, diremos que Camões, ao expirar com a patria, morria immortal!

Tres seculos se passaram, e a patria, que, pelas suas condições especialissimas, caminha, quem sabe, para uma aniquilação completa, ergue-se agora, eloquente, magestosa, na grandiosidade d'estes cultos espontaneos.

Camões hade representar sempre a alta importancia historica d'este povo; e é essa a razão porque o povo, hoje, commemora o tricentenario do famosissimo poeta.

Quando, volvido mais um seculo, se solemnizar o quarto centenario do grande poeta, a geração d'então glorificará a deliberação honrada que tomamos, saudando o maior portuguez de toda a historia — Luiz de Camões.

Porto 8 de junho de 1880.

Firmino Pereira.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ A CAMÕES

Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o ingenho e arte.

CAMÕES. LUSIADAS, CANTO I — V.2.º

O *Bombeiro Portuguez*, afastando-se hoje do fim para que foi instituido, e sahindo da humilde esphera limitada pela missão que se impoz, vem tambem prestar homenagem ao grande épico portuguez — a Luiz de Camões. Deixa de se occupar dos assumptos que directamente lhe dizem respeito; depõe a penna do bombeiro e abalançando-se, quiça, além das suas forças, commemora com a publicação extraordinaria d'este numero o nome d'esse vulto distincto e caracteristico nas letras e nas armas patrias.

Agora que o espirito publico, liberto dos grilhões com que o dominio clerical o havia escravizado, revela revivescencia do abatimento moral que o atrophiou por forma a deixar passar ignorados o primeiro e segundo centenarios do heroico guerreiro e immortal poeta; o *Bombeiro Portuguez* vem tambem jubiloso associar-se á imprensa do paiz para legar aos vindouros o tributo de homenagem que hoje presta á memoria do grande cantor da nossa epopeia nacional.

O bombeiro não é um intruso n'estas festas nacionaes, commemorativas d'esse vulto cosmopolita aureolado de glorias e justissimas homenagens: filiado na vasta republica das letras, assiste-lhe egualmente o direito de se associar á revolução pacifica e sympatica que nasceu espontanea nos espiritos cultos e alevantados, e que traduz tão exuberantemente a independencia intellectual de um povo que outr'ora se viu coacto, enervado e entorpecido pela superstição e pela tyrannia.

O bombeiro, alistado n'essa nobre cruzada que tem por pendão a abnegação e o heroismo, profanaria a memoria d'aquelle que lhe foi mestre d'ações nobres n'essas pugnas titanicas que constituem hoje as gloriosas tradições do povo lusitano, se ficasse indifferente perante o regosijo nacional, que, como uma corrente electrica, brota do coração de todos os portuguezes e synthetisa exuberantemente a veneração d'um povo por aquelle que tão brilhantemente soube immortalisar a patria.

N'estas apoucadas phrases, despretenciosas e singelas, mas dictadas pela veneração e orgulho que nos inspira a memoria do sublime cantor de Portugal, julga o *Bombeiro Portuguez* ter tambem contribuido com o seu pequeno quinhão para a apothese d'esse grande Genio que perpetuou a existencia da nossa nacionalidade.

Guilherme G. Fernandes.

(1) Theophilo Braga—Historia de Camões—1.ª Part.

O RETRATO DE LUIZ DE CAMÕES

Em 1543, quando Luiz de Camões se achava em Coimbra, contava apenas 20 annos d'idade. Não tinha ainda cegado d'um olho, nem lhe paravam na cabeça os louros da lenda. Era um Camões elegante, desempedido. Os seus contemporaneos retratam-o assim:

Era de estatura mediana, grosso de hombros, e refeito e alentado de corporatura como homem de grandes forças. Tinha os olhos castanhos claros, scintillantes e cheios de vida e de energia; os cabellos eram côr de açafraão; a fronte um pouco carregada; o nariz comprido, alto no meio e grosso na ponta, e a bocca rasgada e sobre o grande. A barba, que usava inteira e elegantemente penteada em ponta aguda annellava naturalmente e era verdadeiramente ruiva.

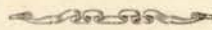
Como se vê, o aspecto de Luiz de Camões, Luiz de Sá de Camões, ou Luiz Vaz de Camões, que por todos estes tres nomes se assignou o Homero dos Lusíadas, não se podia chamar bonito. Tinha porém um certo apurmo e desempenho elegante, que lhe davam airosa graciosidade; e quem lhe fitasse o rosto, que era n'elle verdadeiro espelho da alma, sentia-se fascinado por uma certa aureola dominadora, um certo resplendor grandioso, que revelava logo á primeira vista, aquella grande alma e aquella grande inspiração, d'onde brotaram por fim os Lusíadas, e d'onde lufavam em torrentes os generosos e audazes pensamentos, que o faziam aspirar ás grandes emprezas e que a regiões tão apartadas o levaram mais tarde.

Luiz de Camões, fidalgo pelo sangue, tambem nascera fidalgo pela indole. Era cavalheiresco, generoso, magnifico e liberal até á prodigalidade. Na mocidade gostou de trajar com elegancia e luxo; e, moço e velho, em toda a idade, foi grande admirador de mulheres, no que, pelo que parece, não era ruim de contentar. Dotado de grandes forças e de intrepidez quasi temeraria, nunca voltou a cara aos perigos, nunca os mediu a palmos, nunca receiou affrontar-se fosse com quantos fosse. D'esta coragem verdadeiramente heroica e cega, que lhe valeu dos contemporaneos a alcunha do *Trinca-fortes*; e do genio brioso, susceptivel e ardente, de que era naturalmente dotado, originou-se-lhe o ser rixoso, volteiro, e prompto a arrancar a esp. da e a armar por qualquer palha um arruideo. Era o que se chama um verdadeiro espadachim; do que parece que fazia maior alarde e basofia, do que do grande genio e da grande intelligencia, com que Deus o tinha enriquecido. E cumpre observar aqui que isto n'elle era sestro de familia. Desde o primeiro Camão até o primeiro Camões; desde o primeiro Camões até o poeta, derradeiro descendente do segundo filho de Vasco Pires, todos foram assim, não só na mocidade mas até na velhice. Abundam as provas d'esta asserção na historia da familia. De uma porém quero eu dar conta ao leitor, porque a acho de veras graciosa. Saiba pois que a ultima vez que Luiz de Camões esteve em Portugal, na cadeia, não foi por victima da inveja e da perseguição dos contemporaneos ao seu grande talento, mas sim por ter acutilado em pleno dia e em pleno campo de

Sant'Anna, em dia de *Corpus Christi*, a um certo Gonçalo Borges, creado d'el-rei, *no pescoço por baixo do cabello do touço*. Do logar dos ferimentos deprehende-se cabalmente que o nosso Homero, quando dava, dava logo a valer. D'esta prisão, em cuja justiça é força concordar, sahiu elle por perdão d'el-rei e do ferido, oito dias antes de embarcar para a India. Ora quer o leitor saber quem elle teve por companheiro de prisão? O pai, que lá fôra mettido por nada menos do que por ter assaltado e invadido o convento de Sant'Anna em Coimbra, e que foi solto muito poucos dias antes do filho. E' de notar a coincidência; e de notar é tambem que Simão de Camões, pai do nosso Homero, era tambem poeta, como igualmente o tinham sido todos os volteiros Camões até elle.

Para completar a pintura do caracter d'este vulto grandioso da historia litteraria portugueza; d'este poeta, cujo nome foi por tantos annos o unico padrão, que recordava á Europa que n'este canto do extremo occidente existe uma nação chamada Portugal, que foi, no seculo XVI, a infatigavel e audaz iniciadora da civilisação do mundo moderno, resta-me accrescentar que o poeta dos Lusíadas, reunia ás grandes qualidades intellectuaes que possuia, um caracter jovialmente epigrammatico e motejador, e conversava tão peregrinamente que a sua companhia era vivamente estimada e desejada por todos.

Arnaldo Gama.



BEATRICE

Não! não acerta aquelle que induzido
Por uns indicios vagos, assevera
Que existe, n'este inferno appetecido
Com forma de mulher essa chimera.

Messias á minh'alma promettido
Anciosa minh'alma inda o espera,
Sepulta como um reprobato intanguido
Do Incomprehensivel na gelada esphera.

Germen, pretexto, causa lhe chamaram
Pythonisas fataes, dançando em furia
Danças macábras no estertor das penas!

Das minhas crenças vans, ó crença espuria,
Que es tu, visão, que os sonhos meus crearam?
— Uma palavra, uma palavra apenas.

Alfredo Carvalhaes.

O presente numero vender-se-ha avulso ao preço de 100 reis até ao fim do corrente mez. Findo esse praso custará 200 reis.